

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

*“Embora grande parte da Europa e antiquíssimos e famosos Estados hajam caído ou possam ainda cair nas garras da Gestapo e de todo o odioso aparato nazista, não haveremos de ceder nem fracassar. Iremos até o fim: lutaremos na França, lutaremos nos mares e oceanos, lutaremos, com crescente confiança e poderio, no ar; defenderemos nossa ilha custe o que custar; lutaremos nas praias, lutaremos nos aeródromos, lutaremos nos campos, nas ruas, nas colinas; jamais nos renderemos, e mesmo que – o que não creio sequer por um momento – esta ilha ou uma grande parte dela seja subjugada e esteja passando fome, nosso império de além-mar, armado e guardado pela esquadra britânica, continuará a lutar até que, quando Deus quiser, o Novo Mundo, com toda a sua força e poderio, se ponha em marcha para socorrer e libertar o velho”.*³⁶

Winston Churchill, primeiro-ministro inglês

A Segunda Guerra Mundial começou a delinear-se na década de 1930, quando os líderes do Japão, Itália e Alemanha deram início a uma política de expansão territorial. Os governantes japoneses ordenaram a ocupação de diversas regiões da China, desejosos de obter a autossuficiência econômica para seu país. O líder fascista italiano Benito Mussolini ordenou anexação da Abissínia (Etiópia) e a ocupação da Albânia, tencionando aumentar a grandeza de sua nação. O dirigente da Alemanha, Adolf Hitler, anexou, através de plebiscitos, o Sarre (região alemã que estava sob administração da Liga das Nações) e a Áustria (nação germânica que estava proibida de unir-se à Alemanha pelo Tratado de Germain, de 1919), e por meio de pressões diplomáticas, os Sudetos e Memel (territórios habitados por alemães, que faziam parte da Tchecoslováquia e Lituânia, respectivamente). Em 1939, o líder alemão pôs fim à Tchecoslováquia ao mandar suas tropas ocuparem a parte do país habitada pelos tchecos (Boêmia e a Morávia). Os eslovacos formaram seu próprio Estado, tutelado pelos alemães.

As outras potências mundiais, Estados Unidos, URSS, França e Inglaterra, não se sentiram animadas a tomar medidas sérias em represália às agressões nipo-teuto-italianas. Isso ocorreu porque os norte-americanos adotavam uma postura isolacionista, os soviéticos consolidavam internamente o socialismo, e os ingleses e os franceses seguiam uma política de apaziguamento.

Hitler, todavia, não estava satisfeito com os ganhos territoriais obtidos, pois pretendia conquistar áreas que considerava vitais (“Lebensraum”) para o aumento do poderio nacional germânico (territórios perdidos pela Alemanha na Primeira Guerra Mundial e outras regiões da Europa Oriental).

³⁶ Apud YOUNG, 1980, p.53.

Para dar continuidade ao seu projeto expansionista, o governante alemão optou por conquistar territórios poloneses, embora previsse que tal ação poderia provocar um conflito armado de largas proporções, já que a Inglaterra e a França comprometeram-se em apoiar a Polônia em caso de uma invasão alemã. A maior preocupação de Hitler, não obstante, era com a União das Repúblicas Socialista Soviéticas (URSS), governada por Josef Stalin, pois os alemães desejavam evitar uma guerra em duas frentes, como ocorrera na Primeira Guerra Mundial.

Para o espanto dos líderes da França e da Inglaterra, em 23 de agosto de 1939, a Alemanha e a União Soviética, de regimes políticos diametralmente opostos, firmaram um pacto de não-agressão. O pacto era conveniente para Hitler porque possibilitaria um ataque alemão à Polônia sem a ingerência dos soviéticos; para Stalin era importante porque lhe daria tempo para reorganizar as Forças Armadas Soviéticas, que se encontravam fragilizadas em virtude de um expurgo realizado no seio da alta oficialidade pelo próprio líder comunista. Pelo pacto também ficou acordado que os signatários poderiam, sem interferência de um ou do outro, reconquistar territórios perdidos na Primeira Guerra Mundial. Assim, a Alemanha poderia anexar a metade ocidental do território polonês; a URSS, a metade oriental da Polônia, a Estônia, a Lituânia, a Letônia, a Bessarábia e partes da Finlândia.

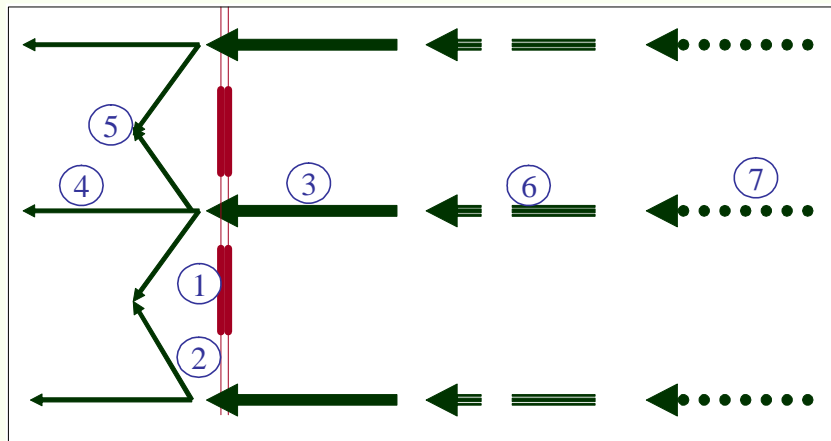
Livre de uma guerra em duas frentes, Hitler sentiu-se confiante para lançar uma campanha contra a Polônia, que se iniciou em 1º de setembro de 1939, quando as Forças Armadas Alemãs, de surpresa e sem declarar guerra, invadiram o território polonês. Dois dias depois, a Inglaterra e a França, em retaliação, declararam guerra à Alemanha.

No embate teuto-polaco que se iniciava, somente o valor moral dos contendores se equivalia, pois, em todos os outros aspectos, as Forças Armadas Alemãs eram superiores. A Força Aérea Alemã (Luftwaffe) contava com modernos caças e bombardeiros, enquanto a polonesa só possuía aeronaves obsoletas. O Exército Alemão dispunha de 51 divisões (10 blindadas e 4 motorizadas), contra as quais os poloneses poderiam destacar 39 divisões (nenhuma blindada). A Marinha Alemã era superior em quantidade e qualidade à polonesa.

O diferencial principal entre as forças armadas adversárias, no entanto, estava centrado nos processos de combate empregados. Os alemães utilizavam a “blitzkrieg”, que consistia no emprego combinado da aviação e de unidades blindadas, motorizadas e a pé, em ações coordenadas por comunicação com rádio e marcadas pela surpresa e rapidez. Em contrapartida, os poloneses adotavam métodos lentos e antiquados, típicos da Primeira Guerra Mundial.

A ofensiva alemã, denominada Operação Queda Branca (“Unternehmen Fall Weiß”) foi iniciada pela Luftwaffe, que destruiu as bases aéreas polonesas e conquistou rapidamente a supremacia aérea, ficando em condições de apoiar as operações terrestres. A Marinha Alemã, em pouco tempo, controlou o litoral polonês, passando

FORMA USUAL DE EMPREGO DA BLITZKRIEG



Os alemães conseguiram rápidas e expressivas vitórias no início da Segunda Guerra Mundial, por empregarem um processo de combate inovador, desenvolvido no período entreguerras, principalmente por Heinz Guderian, denominado “blitzkrieg” (guerra relâmpago). Tratava-se do emprego tático combinado da aviação e de unidades blindadas, motorizadas e a pé, em ações coordenadas por comunicação com rádio e marcadas pela surpresa e rapidez.

Inicialmente era estabelecido um objetivo estratégico que deveria ser alcançado pelas grandes unidades blindadas. O ataque iniciava-se pela ação de caças e bombardeiros, que, agindo como uma “artilharia aérea”, destruíam campos de pouso, estações ferroviárias, depósitos de combustíveis, pontes, quartéis-generais, entre outros alvos, a fim de desarticular as posições defensivas inimigas. A artilharia contribuía, de acordo com suas possibilidades, nesse esforço. Tropas paraquedistas podiam ser lançadas para conquistar áreas importantes para o prosseguimento das operações, ou para desorganizar ainda mais o sistema defensivo inimigo.

Paralelamente, ou mesmo antes do início das operações, tropas terrestres pressionavam toda a frente inimiga (reconhecimento em força) para localizar os pontos fortes (1) e fracos (2) do dispositivo inimigo. Feitos os reconhecimentos, poderosas investidas blindadas (3) eram realizadas para abrir brechas de 2 a 3 km nos pontos fracos. Os pontos fortes eram desbordados, para posterior destruição. Após passar pelas brechas, as forças blindadas poderiam, dependendo do caso, seguir para o objetivo final (4), causando a maior quantidade de danos possíveis ao adversário, ou isolar os pontos fortes que haviam ultrapassado (5), enfraquecendo-os (dependendo do caso, as duas operações poderiam ser realizadas conjuntamente). Unidades motorizadas seguiam as blindadas (6), procurando alargar as brechas. Por fim vinham divisões a pé (7), às quais cabia reduzir os pontos fortes, agora enfraquecidos pela ação das forças de primeiro escalão. Todas as operações terrestres eram apoiadas pela força aérea.

Alcançado o objetivo estratégico, outros eram traçados, e as operações prosseguiam. Os defensores inimigos tinham poucas opções: podiam permanecer em suas posições isoladas, enfraquecendo-se continuamente em virtude das baixas e da falta de suprimento; ou procurar retrair, sendo, nesse caso, atacados pelos aviões e perseguidos pelos blindados, que impediam qualquer tentativa de reorganização.

a bombardear as defesas costeiras. Por terra, os alemães avançaram, a partir da Silésia, Pomerânia, Prússia Oriental e Eslováquia, e, com velocidade, cercaram e destruíram diversas unidades polonesas, que haviam sido posicionadas de forma dispersa ao longo das fronteiras. Os comandantes militares poloneses tinham dispersado suas unidades com o intuito de proteger importantes áreas industriais, mas tal medida acarretou no enfraquecimento do Exército Polonês em todos os setores.

Os poloneses lançaram algumas contraofensivas desesperadas, que fracassaram. Para agravar a situação polonesa, no dia 17 de setembro de 1939, forças soviéticas invadiram a Polônia pelo leste, conforme o acordado no pacto de não-agressão teuto-soviético.

Em 18 de setembro de 1939, o governo polonês, sem esperança de reverter a situação, já que seus aliados franceses e ingleses não esboçaram pronta reação militar, refugiou-se na Romênia, estabelecendo um governo no exílio, transferido, posteriormente, para a França e, mais tarde, para a Grã-Bretanha.

No dia 27 de setembro de 1939, a capital polonesa, Varsóvia, caiu sob o poder dos alemães. Encerrava-se, dessa forma, a primeira campanha da guerra. A Polônia foi dividida por alemães e soviéticos, mas muitos poloneses, no exílio, se reagrupariam e continuariam a lutar para restabelecer a independência de sua pátria.

O passo seguinte foi dado por Stalin, que ordenou a invasão da Finlândia, tendo em vista conquistar territórios considerados vitais para a segurança da URSS. Com 100 divisões, 3.200 carros-de-combate e 2.500 aviões, os soviéticos esperavam bater facilmente as Forças Armadas Finlandesas, compostas por 3 divisões e alguns poucos aviões obsoletos.

Em 30 de novembro de 1939, os soviéticos iniciaram a ofensiva. Os finlandeses resolveram resistir à investida inimiga em uma linha defensiva denominada Mannerheim, situada entre o lago Ladoga e o golfo da Finlândia. O avanço soviético foi retardado pelo terreno acidentado, coberto por florestas e densas camadas de neve, e pela ação de rápidas patrulhas finlandesas, que emboscavam as unidades inimigas.

Os soviéticos tiveram maiores problemas ao se depararem com a Linha Mannerheim, pois, ao tentarem rompê-la, empregando processos de combate semelhantes aos da Primeira Guerra Mundial, tiveram resultados desastrosos. Paralelamente, os soviéticos lançaram grandes bombardeios aéreos sobre posições e cidades finlandesas, que poucos resultados positivos lhes trouxeram.

Em fevereiro de 1940, os soviéticos empregaram divisões blindadas em massa contra a Linha Mannerheim, conseguindo, finalmente, transpô-la. Com sua principal linha defensiva rompida, os finlandeses, em 12 de março de 1940, renderam-se, após dois meses e meio de heroica resistência. Em consequência da derrota, os finlandeses foram obrigados a ceder o istmo da Carélia e a cidade de Viipuri para os soviéticos.

ORGANIZAÇÃO DOS EXÉRCITOS

O quadro abaixo demonstra a hierarquia organizacional teórica do Exército Norte-Americano na II Guerra Mundial. Os exércitos de outros países ocidentais envolvidos no conflito tinham organização semelhante, com algumas variações de organização e nomenclatura.

SÍMBOLO	NOME	INTEGRANTES	UNIDADES SUBORDINADAS	COMANDANTE
XXXXX	GRUPO DE EXÉRCITOS	100 MIL OU MAIS	2 OU MAIS EXÉRCITOS	GENERAL
XXXX	EXÉRCITO	50 A 60 MIL	2 OU MAIS CORPOS DE EXÉRCITO	GENERAL
XXX	CORPO DE EXÉRCITO	30 A 50 MIL	2 OU MAIS DIVISÕES	TENENTE-GENERAL
XX	DIVISÃO	10 A 20 MIL	2 A 4 REGIMENTOS	MAJOR-GENERAL
III	REGIMENTO	2 A 3 MIL	2 OU MAIS BATALHÕES	CORONEL
II	BATALHÃO	300 A 1 MIL	2 A 6 COMPANHIAS	TENENTE -CORONEL OU MAJOR
I	COMPANHIA	70 A 250	2 A 8 PELOTÕES	CAPITÃO
...	PELOTÃO	25 A 60	2 OU MAIS ESQUADRAS	1º OU 2º TENENTE
..	ESQUADRA	8 A 13	2 OU MAIS GRUPOS DE TIRO	SARGENTO
.	GRUPOS DE TIRO	4 A 5		CABO

Durante a guerra, os norte-americanos e aliados fizeram uso dos grupamentos táticos (brigadas provisórias), que eram a combinação de elementos de diversas armas e serviços, para cumprir missões específicas. Os britânicos não usaram os grupamentos táticos pois tinham em sua organização as brigadas (não tinham, no entanto, regimentos como unidades de combate).

COMPOSIÇÃO DAS DIVISÕES PANZER

A composição das divisões panzer sofreu alterações durante a guerra. No final da guerra, as divisões panzer tinham um poder de combate bem mais fraco do que no início, embora o Alto-Comando Alemão procurasse não reconhecer isso. Os dados a seguir, referem-se à 11ª Divisão Panzer, quando de sua organização, em 1941, pouco antes da Operação Barba Roxa.

Principais unidades: 01 regimento de carros-de-combate, 01 brigada de infantaria blindada, 01 regimento de artilharia, 01 batalhão de engenharia, 01 batalhão de comunicações e 01 batalhão de transporte.

Efetivo: 17 mil homens.

Armamentos e equipamentos mais relevantes: 21 carros-de-combate médios PZ IV, 60 carros-de-combate médios PZ III, 50 carros-de-combate leves PZ II, 56 carros-de-combate diversos, 8 canhões de 15cm, 16 canhões de 10,5cm, 16 canhões de 7,5cm, 25 canhões antiaéreos de 2cm, 16 canhões anticarro de 3,7cm, 24 morteiros de 8,1cm, 116 morteiros de 5cm, 542 metralhadoras e 1200 caminhões.

Fonte: <www.wikimedia.org> acesso em 05 set. 2007 (adaptado pelos autores).

DIVISÃO PANZER



Ainda no ano de 1940, Stalin mandou que suas tropas ocupassem a Estônia, a Letônia e a Lituânia.

O péssimo desempenho militar demonstrado pelos soviéticos na Finlândia foi recebido com satisfação por alemães, franceses e britânicos, que se consideravam possíveis oponentes da URSS em um futuro conflito. Por outro lado, preocupou Stalin, que ordenou ao marechal Semyon K. Timoshenko aumentar a eficiência do Exército Soviético, tirando lições da campanha que a URSS acabava de vencer.

Hitler, após vencer os poloneses, fixou como próximo objetivo derrotar os franceses. Antes disso, no entanto, era necessário assegurar o fluxo de minério de ferro, importado da Suécia, vital para a Alemanha, já que britânicos e franceses demonstravam intenções de interceptá-lo. Como o minério era embarcado no porto norueguês de Narvik, situado em águas que não congelavam durante o inverno, o líder alemão resolveu conquistar a Noruega.

Em 9 de abril de 1940, tendo o apoio do partido fascista local, a invasão alemã à Noruega foi desencadeada. Unidades alemãs terrestres (sete divisões), aéreas e navais, atuando de forma combinada, conquistaram simultaneamente diversos objetivos estratégicos. Oslo, a capital, foi ocupada por paraquedistas. Outros importantes centros de mobilização também caíram em poder das tropas alemãs, o que impediu uma reação militar consistente. Paralelamente, Hitler ordenou a invasão da Dinamarca, que ocupava um espaço estratégico importante para as futuras ações alemãs. Em face da superioridade bélica alemã, o rei dinamarquês Cristiano X ordenou que seu exército, composto por aproximadamente 15 mil homens, se rendesse.

Surpreendidos pela rapidez da operação alemã, a Grã-Bretanha e a França enviaram apressadamente algumas brigadas para a Noruega (dentre as quais unidades polonesas), que chegaram tarde demais para evitar o colapso das forças armadas locais. As tropas britânicas chegaram a obter sua primeira vitória na guerra ao conquistar o porto de Narvik, mas, em seguida, tiveram de ser evacuadas, devido à superioridade geral inimiga.

Com a retirada das tropas aliadas, os alemães concluíram a ocupação da Noruega, que passou a ser governada por Vidkun Quisling, um fascista norueguês aliado de Hitler. A invasão alemã fora, de maneira geral, um sucesso, mas os germânicos sofreram reverses importantes no mar, onde sua frota de superfície sofreu pesadas perdas (2 cruzadores e 10 destróieres).

A vitória alemã permitiu a Hitler assegurar o fluxo de minério de ferro sueco e instalar bases aéreas e navais na Noruega, a partir das quais os alemães passaram a ameaçar as ilhas britânicas e o controle dos britânicos sobre o Mar do Norte. Todavia, a perda de grande parte da frota de superfície e os enormes contingentes destinados a manter a Noruega (12 divisões, em junho de 1941) foram fatores que influíram negativamente para o esforço alemão na continuidade da guerra.

Após a campanha da Noruega, Hitler passou a concentrar-se na conquista da França. Para isso, os alemães contavam com 3 grupos de exércitos (136 divisões, sendo 10 blindadas) e cerca de 2.700 veículos blindados. Essa força enfrentaria 146 divisões francesas e britânicas (somente 3 blindadas). Os alemães, no entanto, como na Campanha da Polônia, tinham força aérea, carros-de-combate, processos de combate (“blitzkrieg”), organização, instrução e lideranças superiores aos dos oponentes. Isso ocorria porque, os aliados, no entreguerras pouca atenção deram à evolução doutrinária e ao reaparelhamento de suas forças armadas. Os franceses preocuparam-se quase tão somente em empregar vultosos recursos na construção da Linha Maginot, uma sólida posição defensiva ao longo da fronteira com a Alemanha.

Em 10 de maio de 1940, os 3 grupos de exército alemães iniciaram a ofensiva. O Grupo de Exércitos “B” avançou sobre os Países Baixos, a fim de ocupar a Holanda e a Bélgica e atrair as tropas franco-britânicas. O Grupo de Exércitos “C” atacou a Linha Maginot, visando fixar as tropas que defendiam a fronteira francesa. O Grupo de Exércitos “A”, incumbido da ação principal, liderado por divisões Panzer, avançou pela montanhosa floresta das Ardenas, considerada pelos aliados intransponível para blindados, em direção ao Canal da Mancha, tendo como objetivo dividir as forças rivais.

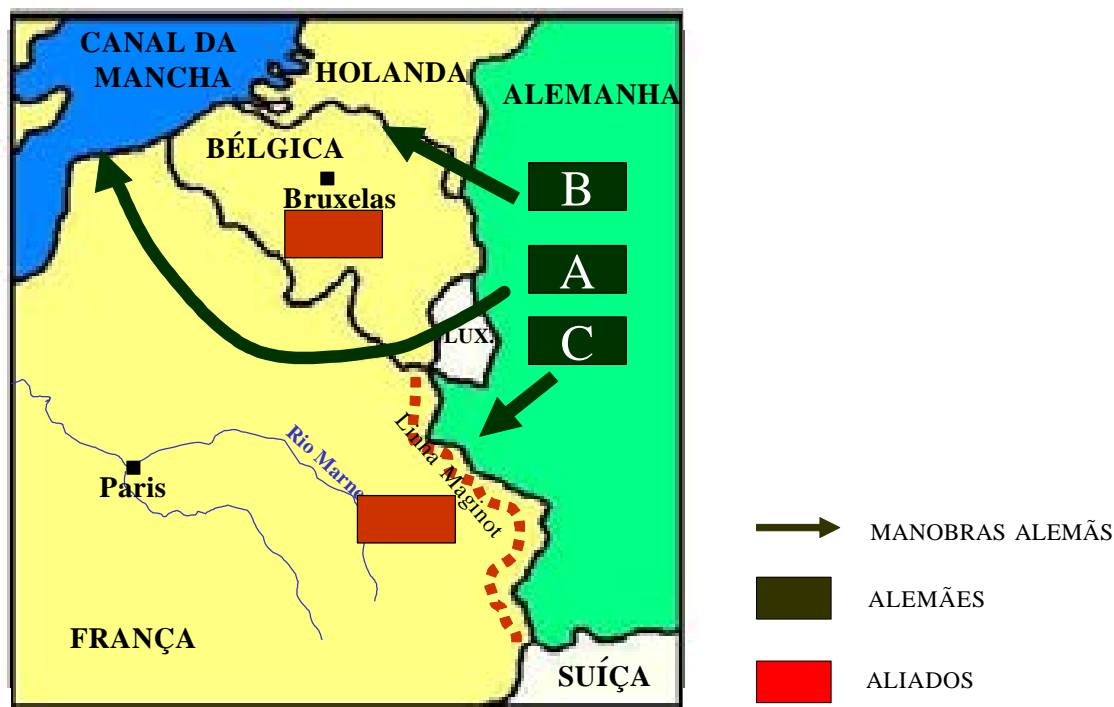
O Exército Holandês rapidamente sucumbiu às ações do Grupo de Exércitos “B” e se rendeu em 14 de maio de 1940. Os belgas recuaram para posições defensivas, para onde, em seguida, acorreram forças aliadas para apoiá-los. Paralelamente, o Grupo de Exércitos “A”, após atravessar as Ardenas, abriu uma brecha na posição aliada e rumou para o Canal da Mancha, conseguindo, conforme o planejado, separar as forças aliadas que estavam na Bélgica das que ficaram na França.

Encurraladas entre os Grupos de Exércitos “A” e “B”, as forças anglo-francesas que estavam na Bélgica viram-se obrigadas, em 27 de maio de 1940, a seguir para o porto de Dunquerque, na expectativa de serem evacuadas por via marítima.

Os belgas renderam-se em 28 de maio de 1940. Dois dias antes, a Marinha Inglesa, auxiliada por embarcações civis, havia iniciado a Operação Dínamo (“Operation Dynamo”), destinada a evacuar as tropas anglo-francesas que se encontravam em Dunquerque. Em virtude do terreno nos arredores de Dunquerque não ser propício para o uso de blindados, Hitler resolveu poupá-los para a continuidade da campanha na França, incumbindo a Luftwaffe de pôr fim à evacuação. Houve, porém, a interferência da Força Aérea Inglesa (RAF), que infligiu pesadas perdas à Luftwaffe. No final, a Operação Dínamo foi um sucesso, pois cerca de 340 mil soldados aliados foram transportados para a Inglaterra.³⁷

Dando prosseguimento às operações, os alemães rumaram para Paris. O Exército Francês, abalado pelos reveses iniciais, perdeu seu moral e diluiu-se diante do avanço inimigo. A Linha Maginot, atacada frontalmente e pela retaguarda, também sucumbiu. Paris, por sua vez, caiu em poder dos alemães em 14 de junho de 1940.

No dia 22 de junho, o marechal Philippe Pétain, recém-nomeado primeiro-ministro, assinou um armistício com os alemães. De acordo com o armistício, os alemães passaram a ocupar o norte e o oeste da França, enquanto Pétain passou a governar uma república títere que abrangia o território francês não ocupado pelos alemães, cuja sede foi estabelecida em Vichy (cidade do sul da França).



³⁷ A retirada de Dunquerque é um assunto controverso. Alguns historiadores afirmam que Hermann Göring, comandante da Luftwaffe, teria garantido a Hitler que a Força Aérea Alemã poderia sozinha impedir a evacuação inglesa, o que não se confirmou. Outros asseveram que Hitler teria permitido a retirada como um sinal de boa vontade, tendo em vista assegurar futuras negociações de paz com a Grã-Bretanha.

Pouco antes da queda de Paris, Mussolini entrou no conflito ao lado dos alemães, mesmo sabendo que a economia e o exército de sua nação não estavam em condições de sustentar uma guerra de grande amplitude. Em setembro de 1940, o Japão se uniria a esta aliança, formando o Eixo Roma-Berlim-Tóquio. Com esta atitude, Mussolini esperava receber apoio dos alemães para conquistar um “espaço vital” para os italianos na região do mar Mediterrâneo. Em 10 de junho, 32 divisões italianas atacaram a França, tendo como propósito anexar áreas fronteiriças. O ataque italiano redundou em um completo fracasso, pois foi barrado por 6 divisões francesas nos Alpes, fato que pressagiou futuras derrotas acachapantes das forças de Mussolini.

Após vencerem a França, os alemães procuraram os britânicos para um acordo de paz. Todavia, o Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha, Winston Churchill, repeliu a oferta e declarou que a Grã-Bretanha iria continuar sozinha a luta contra a Alemanha. Em Londres, o general francês Charles de Gaulle não reconheceu o governo da França sediado em Vichy e conclamou os franceses a continuar a luta contra os alemães. De Gaulle instalou um governo no exílio, denominado “França Livre”, reconhecido pelos britânicos em 28 de junho de 1940. Pouco depois, em 5 de julho de 1940, os britânicos desencadearam a Operação Catapulta (“Operation Catapult”), ao bombardearem navios franceses ancorados em Orã (Argélia), por temerem que estes caíssem em mãos germânicas. Em represália, o governo de Vichy rompeu relações com a Grã-Bretanha.

Diante da recusa dos britânicos de negociarem a paz, Hitler ordenou preparativos para a invasão da Inglaterra. Os alemães reservaram 20 divisões para a operação, chamada Leão-Marinheiro (“Unternehmen Seelöwe”). Mas, para que chegassem às ilhas britânicas, havia a necessidade do controle do espaço aéreo no Canal da Mancha, já que a Marinha Alemã não tinha condições de escoltar isoladamente as tropas até seu objetivo. Hitler, então, expediu uma diretiva na qual encarregava a Luftwaffe de destruir a RAF.

A Luftwaffe contava para o ataque com 1.300 caças (Messerschmitt 109), 180 caças-bombardeiros (Messerschmitt 110) e 1.350 bombardeiros (Heinkel 111, Junker 88 e Dornier 17). Para enfrentar essa força, a RAF dispunha de 700 caças (Hurricanes, Blenheims, Spitfires e Defiants).

A luta pela superioridade aérea, que ficou conhecida como a Batalha da Grã-Bretanha, teve início no dia 10 de julho de 1940. A Luftwaffe tomou a iniciativa ao atacar bases aéreas, áreas industriais, fábricas de aviões e cidades inglesas. No entanto, o transcorrer do combate passou a mostrar que a RAF levava nítida vantagem sobre sua oponente. Isso se explica porque os ingleses possuíam aviões superiores, combatiam em áreas conhecidas, conseguiam rapidamente repor as perdas materiais e humanas e dispunham de um eficiente sistema de alerta por radar. No final de agosto, a Luftwaffe havia perdido aproximadamente 600 aviões e a Grã-Bretanha menos de 300.

Embora a Luftwaffe continuasse a bombardear as principais cidades inglesas, Hitler, em 12 de outubro de 1940, percebendo que sua força aérea seria incapaz de

vencer a batalha, suspendeu a Operação Leão-Marinho. Tal fato representou uma derrota decisiva para os alemães na guerra, embora isso não aparentasse naquele momento.

Os combates também se propagaram por mares e oceanos, onde, desde o início do conflito, a Grã Bretanha teve superioridade. Hitler desejava sufocar a economia inglesa, por isso determinou que sua marinha cortasse o fluxo de suprimentos que se dirigia para as ilhas britânicas. Como a frota de superfície alemã era muito mais fraca do que a britânica, caberia aos submarinos alemães o papel principal nesse sentido.

Todavia, a maior ameaça aos britânicos, nos primeiros meses da guerra, adveio dos modernos navios de superfície da Alemanha, entre os quais se destacavam os couraçados Graf Spee, Gneisenau, Scharnhorst e Bismarck. Estes obtiveram sucessos no início das operações, destruindo navios mercantes e importantes embarcações de guerra britânicas. Com o desenrolar da guerra, no entanto, passaram a ser perseguidos intensivamente pela Marinha e pela Real Força Aérea Britânica, que os puseram fora de ação. O Gneisenau foi avariado em 1942, permanecendo em reparos em Danzig até 1945, quando foi afundado pelos próprios alemães; o Graf Spee, o Bismarck e o Scharnhorst foram postos a pique pelos britânicos nos anos de 1939, 1941 e 1943, respectivamente.

Os submarinos alemães, por sua vez, comprometeram seriamente o esforço de guerra britânico, pois afundaram grande número de navios mercantes que se dirigiam para as ilhas britânicas (585 nos seis primeiros meses de 1942, num total superior de 3 milhões de toneladas). Os submarinos germânicos usavam a tática da “alcateia”, ou seja, um deles, ao localizar um alvo compensador, comunicava tal fato imediatamente a outros que estavam nas proximidades, possibilitando, desse modo, um ataque conjunto, com maiores probabilidades de êxito.

A partir do segundo semestre de 1942, entretanto, os aliados passaram a ter importantes sucessos no combate aos submarinos, pois desenvolveram novos meios para localizá-los e destruí-los. Esses meios foram, principalmente, sonares mais eficientes, rádios goniômetros de alta frequência, com os quais era possível determinar a posição dos transmissores de ondas curtas das embarcações inimigas, aviões de patrulha com maior autonomia e cargas de profundidade mais destrutivas. Além disso, os britânicos, juntamente com os norte-americanos, que entraram na guerra contra os alemães no final de 1941, melhoraram o sistema de escoltas a seus comboios, inibindo a ação dos submarinos. Os aliados, também, decifraram o código Enigma, empregado pelos alemães para se comunicarem, o que lhes proporcionou a coleta de importantes informações a respeito das ações inimigas.

Embora os submarinos alemães continuassem a ser um perigo até o final da guerra, a partir de 1943, devido ao aprimoramento das medidas antissubmarinas anglo-americanas, os efeitos de sua atuação deixaram de ser relevantes. Quando a guerra terminou, dos 1.162 submarinos construídos pelos alemães, 785 haviam sido destruídos.

Em terra, em 3 de agosto de 1940, Mussolini ordenou que suas tropas

ARMAMENTOS

Durante a Segunda Guerra Mundial, os beligerantes empregaram grande número de armamentos de uso individual e coletivo. Muitos foram criados durante o conflito, para atender a novas necessidades, outros foram aperfeiçoados. De maneira geral, os exércitos eram dotados de fuzis, metralhadoras, pistolas, lança-foguetes, lança-chamas, canhões, morteiros, granadas e veículos blindados, dos mais diferentes modelos e eficiência em combate.

Os carros-de-combate tiveram grande importância nas operações. Um dos que mais se destacou foi o T-34 soviético, que pesava 30 toneladas, podia desenvolver uma velocidade de 55 km/h e era dotado de um canhão de 76,2mm. Os alemães desenvolveram o Panzer V Panther, superior aos blindados aliados, que pesava 45,5 toneladas, desenvolvia uma velocidade de 46 Km/h e era dotado de um canhão de 75mm (cerca de 6 mil foram produzidos). Os norte-americanos empregaram o M4 Sherman, com 30,3 toneladas, canhão de 75mm e velocidade de 38,5 km/h (cerca de 50 mil foram fabricados). A Alemanha não tinha condições de acompanhar o ritmo de produção bélica, inclusive de carros-de-combate, dos Estados Unidos, o que foi um fator decisivo para a vitória aliada.

Nos combates marítimos, principalmente no Pacífico, os navios aeródromos tiveram um papel fundamental. Importantes foram os da classe Essex, base da frota norte-americana, com 3.240 tripulantes, grande mobilidade (até 33 nós) e capacidade de transporte de aeronaves (em junho de 1944: 42 Hellcats, 36 Helldivers e 20 Avengers).

No Atlântico, foram de grande importância os submarinos, arma que os alemães julgavam ser capaz de decidir a guerra para seu lado. O modelo VII, constantemente aperfeiçoado, foi o mais empregado pela Alemanha. Era tripulado por 44 a 52 homens, desenvolvia uma velocidade máxima de 17,7 nós, chegava a uma profundidade de 220 metros e tinha como armamentos um canhão de 88 mm, 14 torpedos e 26 minas.

Os combates aéreos também foram importantes durante a guerra e os aviões sofreram constantes aperfeiçoamentos. Na Batalha da Inglaterra, destacou-se o caça britânico Supermarine Spitfire, que tinha revestimento metálico, desenvolvia uma velocidade de 594 Km/h, possuía uma autonomia de 700 km e era dotado de 8 metralhadoras .303 polegadas.

Os aviões bombardeiros também se destacaram. Os B-29 norte-americanos, atacando em massa, puseram abaixo boa parte da infraestrutura alemã e japonesa, contribuindo para a vitória aliada. Estas aeronaves eram tripuladas por 10 a 14 homens, desenvolviam uma velocidade de 575 Km/h, tinham autonomia de 5.230 km e podiam carregar até 9 toneladas de bombas.

No final da guerra, Hitler esperava que novas armas fossem capazes de conter as investidas inimigas. Para isso contava com o poder destruidor dos caças a jato e das bombas V1 e V2. A bomba V2 era um míssil balístico de baixa precisão, com alcance de 330 km, capaz de atingir uma velocidade de 5.760 Km/h, conduzindo uma carga explosiva de 975 kg. Muitas foram lançadas sobre a Inglaterra, causando grande efeito moral, já que os aliados não tinham nenhum sistema de defesa para conter esse tipo de arma. As novas armas alemãs, no entanto, chegaram tardiamente e não foram capazes de reverter a vitória dos Aliados.

Decisiva, realmente, foi a bomba atômica, desenvolvida pelos Estados Unidos. Ela tinha altíssimo poder destrutivo (entre 12 e 18 quilotons – cada quiloton equivale a mil toneladas de TNT), proveniente da fissão do urânio-235. Foram lançadas em Hiroshima e Nagasaki, convencendo os japoneses a se render.

ARMAMENTOS



PANZER V PANTHER



T-34



NAVIO AERÓDROMO ESSEX



SUBMARINO MODELO VII



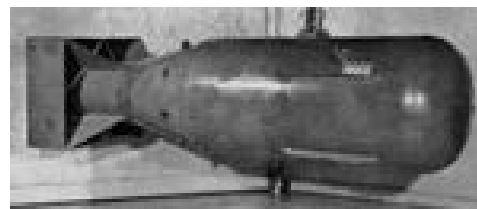
SPITFIRE



B - 29



BOMBA V-2



BOMBA ATÔMICA

posicionadas na África Oriental Italiana (2 divisões italianas e 29 brigadas nativas) ocupassem a Somália Britânica. Tal operação foi bem sucedida, encorajando o líder italiano a desencadear dois novos ataques: um ao Egito, em setembro de 1940, tendo em vista a posse do canal de Suez, controlado pelos britânicos; e outro sobre a Grécia, tendo como objetivo ocupar posições estratégicas nos Bálcãs.

O líder italiano estava confiante em obter sucesso em ambas as frentes. Em setembro de 1940, cerca de 200 mil soldados italianos partiram da Líbia (colônia italiana no norte da África) em direção ao Egito, defendido por aproximadamente 35 mil soldados britânicos. Ao mesmo tempo, da Albânia, ocupada pela Itália, 9 divisões italianas (1 blindada) seguiram para enfrentar 75 mil gregos.

Para surpresa de Mussolini, as forças italianas mostraram-se totalmente despreparadas para a guerra, particularmente pela falta de suprimentos, principalmente combustível. No norte da África, os ingleses contra-atacaram e derrotaram o inimigo em dezembro de 1940, apossando-se, em janeiro de 1941, do importante porto de Tobruk, na Líbia. Nos Bálcãs, os italianos não tiveram melhor sorte frente aos gregos que, apoiados por tropas inglesas, provenientes do norte da África, lançaram uma contra ofensiva que penetrou na Albânia. Paralelamente, na África Oriental, os britânicos iniciaram uma série de ofensivas que redundariam na reconquista da Somália Britânica e na ocupação das colônias italianas situadas na África Oriental (Abissínia, Eritreia e Somália Italiana).

Diante dos fracassos de seu aliado, Hitler interveio. O líder alemão preocupava-se, principalmente, com a possibilidade dos britânicos instalarem-se na Grécia, de onde poderiam ameaçar os campos de petróleo da Romênia, vitais para a Alemanha. Destarte, os alemães lançaram duas operações: a Girassol (“Unternehmen Sonnenblume”) e Violeta Alpina (“Unternehmen Alpenveilchen”), que visavam, respectivamente, apoiar os italianos no norte da África e nos Bálcãs.

Para o norte da África, os alemães enviaram uma divisão blindada leve (núcleo básico do Corpo Africano - AfrikaKorps), comandada pelo General Erwin Rommel. No dia 31 de março de 1941, Rommel lançou suas tropas, apoiadas por 2 divisões italianas (1 blindada), em uma ofensiva contra os britânicos, que dispunham, naquele momento, de somente uma força de cobertura na Líbia, composta por 1 divisão blindada incompleta, 1 divisão australiana e uma brigada motorizada indiana (3 divisões britânicas do norte da África haviam sido deslocadas para apoiar os gregos). As forças de Rommel rapidamente venceram as tropas inimigas, conquistando bases britânicas em El Agheila, Agedabia e Bengazi. Tobruk, no entanto, continuou nas mãos dos britânicos.

Nos meses seguintes, ambos os lados reforçaram suas tropas. Os britânicos, em 18 de novembro de 1941, depois de formarem o 8º Exército, que dispunha de 700 carros-de-combate e 1.000 aviões, contra-atacaram Rommel, lançando a Operação Cruzado (“Operation Crusader”), que visava diminuir a pressão das tropas do Eixo sobre Tobruk. Rommel, para fazer frente ao inimigo, dispunha de 2 corpos de exército



- | | | |
|---------------------------|------------------------------|------------------------------|
| ÁREA SOB CONTROLE DO EIXO | PAÍSES NEUTROS | OFENSIVAS ITALIANAS EM 1940 |
| OFENSIVAS ALEMÃS EM 1939 | OFENSIVAS BRITÂNICAS EM 1940 | OFENSIVAS SOVIÉTICAS EM 1939 |
| OFENSIVAS ALEMÃS EM 1940 | RETIRADAS BRITÂNICAS EM 1940 | OFENSIVAS GREGAS EM 1940 |

italianos e do AfrikaKorps, formado, nessa ocasião, por 2 divisões.³⁸ Inicialmente, Rommel contava com 320 carros-de-combate, aos quais se somaram, mais tarde, outros 480, além de 320 aviões. As forças britânicas obtiveram êxito em sua contraofensiva, obrigando Rommel a ceder boa parte do terreno que havia conquistado.

Nos Bálcãs, em agosto de 1940, os alemães ocuparam, mediante pressões diplomáticas, a Romênia, tendo em vista assegurar o fornecimento dos campos de petróleo deste país; e, em 1º de março de 1941, a Bulgária. A Romênia e a Bulgária, juntamente com a Hungria, a Eslováquia e a Finlândia, acabaram aliando-se ao Eixo.

Em abril de 1941, tropas do 12º Exército Alemão derrotaram facilmente a Iugoslávia, que fora contrária à ocupação de seu território pelos alemães (20 divisões iugoslavas foram vencidas); e, simultaneamente, atacaram a Grécia. Como a maior parte das forças gregas (14 divisões) combatia os italianos na Albânia, somente restaram 3 divisões inglesas e 3 divisões gregas para fazer frente aos alemães, que, com grande rapidez, derrotaram seus oponentes e ocuparam a Grécia (o Exército Grego se rendeu em 21 de abril). Boa parte das tropas britânicas pôde ser evacuada pela Marinha Inglesa.

Em seguida, os alemães desencadearam a Operação Mercúrio (“Unternehmen Nerker”) para conquistar Creta, onde os britânicos haviam instalado bases aéreas. A ilha era defendida por aproximadamente 50 mil soldados britânicos e gregos, que estavam mal equipados e com pouca munição. Para conquistá-la, no dia 20 de maio de 1941, os alemães lançaram um audacioso ataque realizado por 22 mil homens, dos quais 17 mil eram paraquedistas. Apesar de um enorme número de baixas (cerca de 4 mil), os alemães conquistaram a ilha. Novamente, tropas britânicas foram evacuadas.

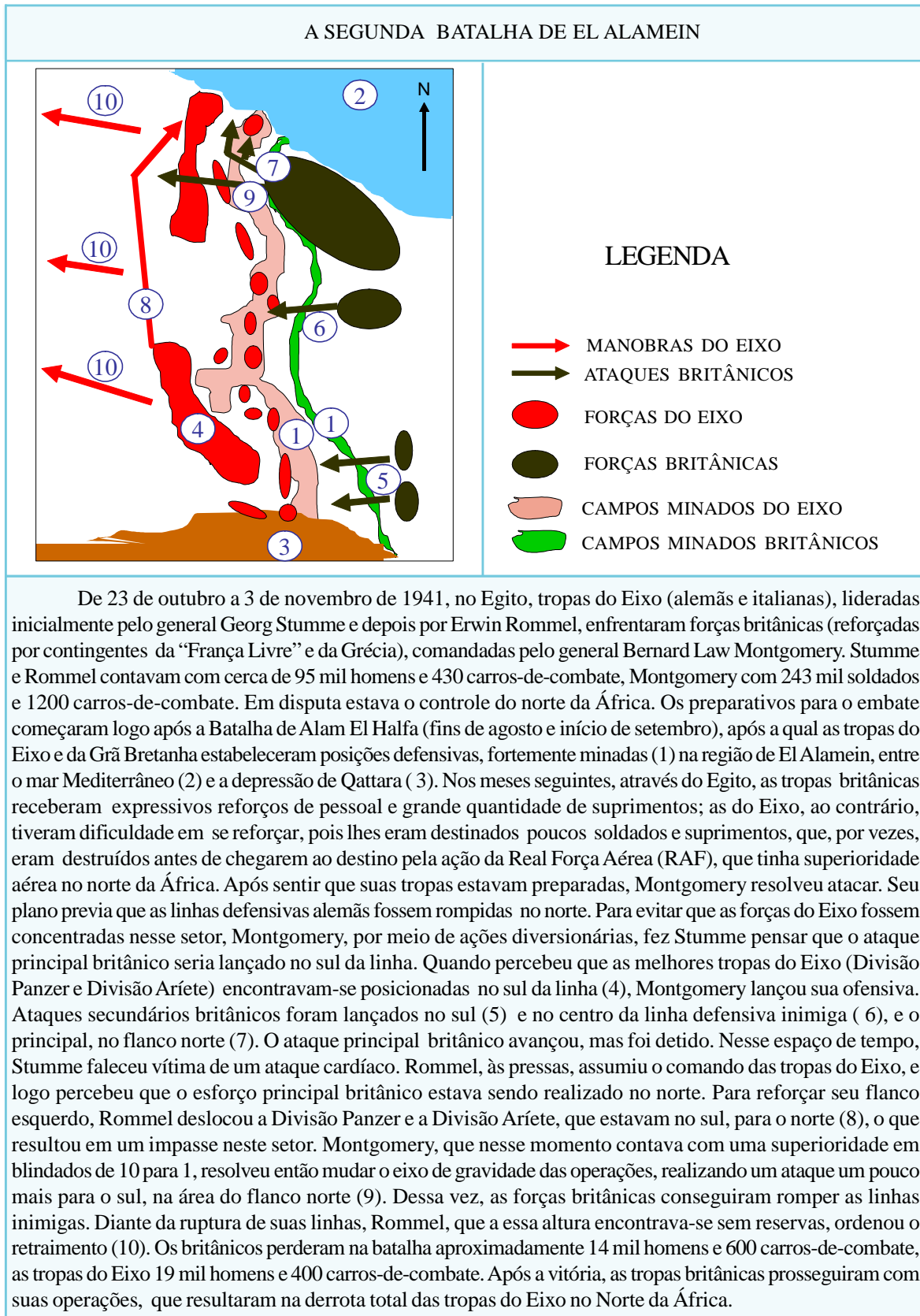
No norte da África, em fins de maio de 1942, Rommel voltou a atacar, mesmo em inferioridade numérica, pois possuía 80 mil homens e 560 carros-de-combate, que enfrentariam 175 mil soldados e 843 carros-de-combate inimigos. Infligiu uma derrota contundente ao 8º Exército Britânico em Gazala e conquistou posteriormente Tobruk. Depois, mesmo com falta crônica de suprimentos (principalmente combustível), as forças do Eixo seguiram para o Egito, mas foram detidas pelos britânicos a 90 quilômetros do Canal de Suez, na 1ª Batalha de El Alamein (julho de 1942) e na Batalha de Alam El Halfa (fins de agosto e início de setembro de 1942).

Em 23 de outubro de 1942, o general Bernard Law Montgomery, designado comandante do 8º Exército Britânico, após intensos preparativos, tendo superioridade de forças, atacou as tropas do Eixo, o que resultou na 2ª Batalha de El Alamein. A luta seguiu em um impasse até 3 de novembro, terminando com a vitória dos britânicos.

Enquanto desenrolavam-se os combates no norte da África, Hitler, ainda em 1941, considerou ser importante consolidar seu poder na Europa continental. Para isso esperava derrotar a URSS (única potência no continente livre do jugo alemão), já que não obtivera sucesso em sua investida contra a Grã-Bretanha. Vários motivos compeli-

³⁸ O AfrikaKorps contou, ao longo de sua campanha, com a 15ª, a 21ª, a 90ª e a 164ª Divisões Panzer, além da Brigada Paraquedista Ramcke.

A SEGUNDA BATALHA DE EL ALAMEIN



ram o líder nazista a investir contra os soviéticos: a URSS possuía ricas fontes de matérias-primas, era inimiga ideológica dos nazistas e vinha tendo atritos com os alemães, devido a questões hegemônicas na Europa Oriental (Stalin não via com bons olhos a expansão e as alianças que os alemães faziam nos Bálcãs e no leste europeu). Além disso, a vitória sobre a URSS garantiria aos alemães a posse de territórios que se estenderiam do Atlântico aos Montes Urais e o controle sobre cerca de 250 milhões de pessoas.

Para a campanha, Hitler contava com 145 divisões, contingente que acreditava ser suficiente para derrotar o Exército Soviético, composto aproximadamente por 190 divisões. Apesar da inferioridade numérica, os estrategistas alemães calculavam que a campanha terminaria em quatro meses, antes do início do inverno. Tal otimismo se justificava pelos sucessos obtidos pela “blitzkrieg”, pela experiência do Exército Alemão, e pelo despreparo do Exército Soviético, que se ressentia de oficiais e soldados experientes, de equipamentos modernos (os blindados e aviões eram obsoletos) e de adestramento.

O plano alemão, denominado Operação Barba-Roxa (“Unternehmen Barbarossa”) previa uma ofensiva em uma frente de 3.200 quilômetros a ser realizada por 3 grupos de exércitos, denominados Norte, Central e Sul, que tinham por objetivo, respectivamente, a conquista de Leningrado (importante área industrial), Moscou (capital inimiga e importante entroncamento ferroviário) e Ucrânia (rica em matérias-primas e importante região agrícola). Os alemães esperavam aniquilar o grosso do Exército Soviético a oeste dos rios Dvina e Dnieper, por meio de uma série de batalhas de cerco e aniquilamento. Em seguida, pretendiam avançar até o rio Volga e a cidade de Arkhangel, onde seriam estabelecidos os limites de uma linha defensiva capaz de resistir eficazmente a contra-ataques das forças soviéticas restantes, que estariam, então, com poucos recursos para uma reação eficaz, já que as terras mais férteis e os principais centros industriais da URSS estariam sob controle alemão.

Em 22 de junho de 1941, as Forças Armadas Alemãs atacaram. A Luftwaffe rapidamente obteve a supremacia aérea e as unidades terrestres lançaram a “blitzkrieg”. O progresso inicial alemão foi acelerado. Suas tropas, atacando em colunas de movimentação rápida, fragmentavam as formações soviéticas, para depois envolvê-las, o que resultou na prisão de milhares de soldados soviéticos. Importantes cidades, como Kiev e Smolensk, passaram para o controle alemão. Para alento de Stálin, a Inglaterra, que até então lutava sozinha contra os alemães, ofereceu seu apoio à URSS, sendo firmada uma aliança anglo-soviética contra a Alemanha. Para tentar diminuir o ímpeto da ofensiva inimiga, o líder soviético ordenou que, em caso de retirada, suas tropas destruíssem quaisquer recursos (plantações, indústrias, ferrovias, entre outros) que pudessem ser aproveitados pelos alemães. O ataque alemão foi acompanhado por uma ofensiva finlandesa sobre o noroeste da URSS.

Quando o inverno chegou, os alemães tiveram de suspender suas operações.

Até esse momento haviam conseguido importantes avanços (sitiavam Leningrado, tinham praticamente conquistado a Crimeia e se encontravam nos subúrbios de Moscou), mas as metas traçadas por Hitler não haviam sido atingidas. Isso se devia, em grande parte, à resistência dos soviéticos, mais forte do que a esperada. Além disso, na frente oriental o conflito radicalizou-se, tornando-se uma luta de extermínio, na qual os soldados soviéticos e alemães lutavam até as suas últimas forças, pois sabiam que se caíssem em mãos inimigas teriam uma morte sumária ou por maltratos (fome, doenças ou exaustão decorrente de trabalho escravo).

Para complicar a situação dos alemães, o frio intenso passou a causar grande número de baixas em suas fileiras (faltaram roupas de inverno aos soldados) e o sistema de suprimento entrou em colapso (muitos blindados, por exemplo, tornaram-se indisponíveis por falta de peças de reposição).

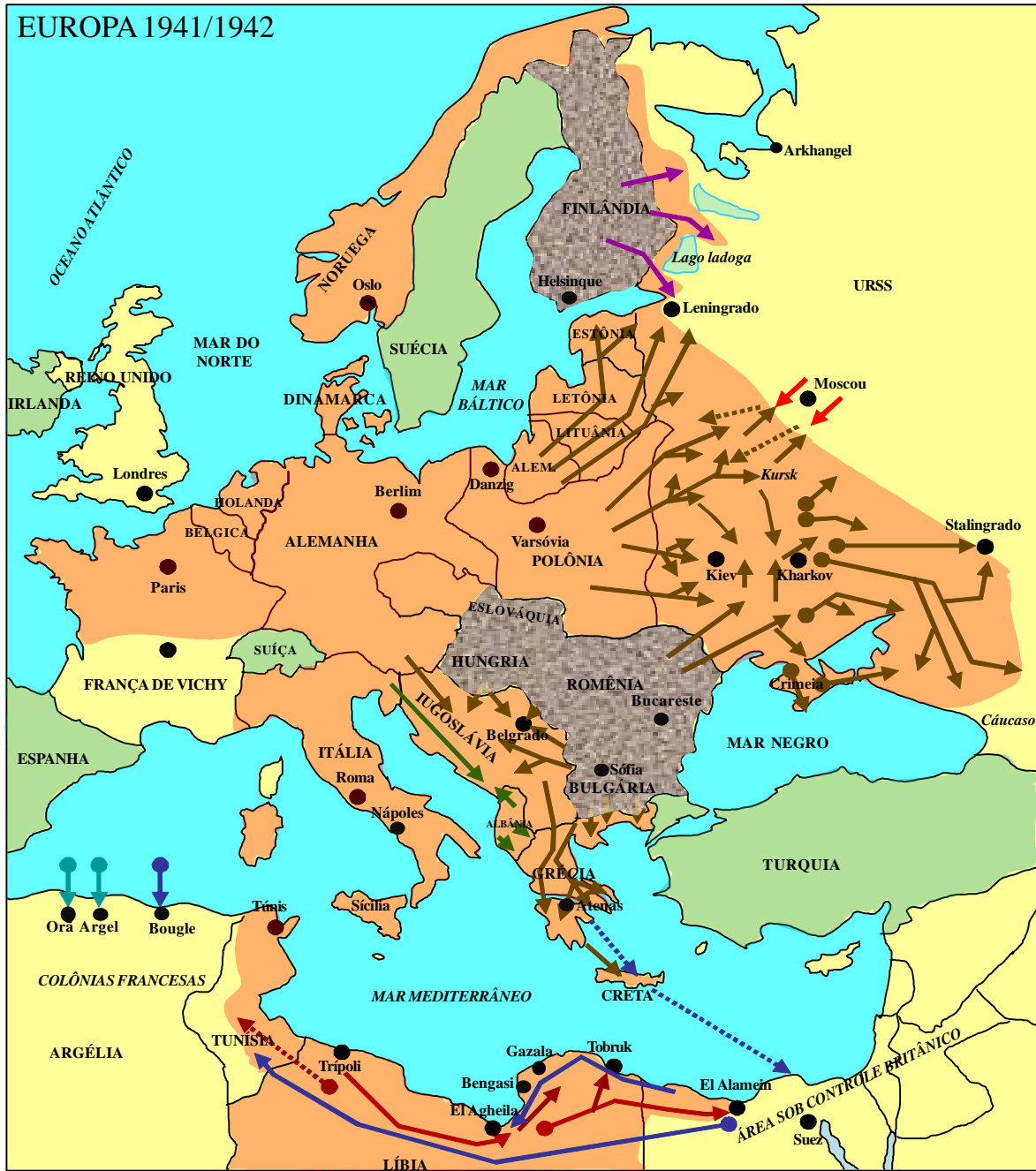
Por outro lado, as Forças Armadas Soviéticas passaram por consideráveis reformulações ao longo dos primeiros meses de luta. Muitos oficiais que eram mantidos nas prisões por Stalin foram libertados para reforçar o exército; aviões modernos passaram a disputar a supremacia aérea com a Luftwaffe; novos carros-de-combate (T-34), superiores aos dos alemães (Mark III e IV), entraram em operação; e houve melhorias nas táticas soviéticas relativas ao emprego de blindados. Além disso, paradoxalmente, em dezembro de 1941, apesar das enormes perdas sofridas, o poderio militar soviético havia aumentado, pois, em um grande esforço, os soviéticos conseguiram mobilizar para a frente de combate mais 280 divisões. Muitas destas estavam no Extremo Oriente, a fim de repelir um possível ataque japonês oriundo da Manchúria, mas puderam ser deslocadas para o oeste, em virtude de um pacto de não-agressão nipo-soviético (o pacto do Eixo, firmado pelo Japão, não o impedia de ter relações amistosas com a URSS).

Em 6 de dezembro de 1941, o Exército Soviético sentiu-se confiante para desferir um maciço contra-ataque, tendo como objetivo isolar o Grupo de Exércitos Central alemão. A ofensiva soviética prolongou-se pelos meses de janeiro e fevereiro de 1942, mas os resultados foram aquém do esperado. Os soviéticos tiveram êxitos consideráveis somente na região de Moscou, onde fizeram os alemães recuar cerca de 150 quilômetros. Com a chegada das chuvas e do degelo da primavera, ambas as forças ficaram atoladas na lama das péssimas estradas.

Em 8 de maio de 1942, os alemães, após receberem reforços (entre os quais 71 divisões formadas por contingentes de países aliados, de menor preparo e menos equipadas), voltaram a atacar. A prioridade foi dada ao Grupo de Exércitos Sul, que deveria conquistar o Cáucaso, região rica em reservas petrolíferas, cuja perda seria fatal para o esforço de guerra soviético. O Grupo de Exércitos Norte deveria manter a pressão sobre Leningrado e o Central manter a posição.

No sul, os alemães obtiveram grandes êxitos, avançando profundamente pelo Cáucaso. No final de junho de 1942 iniciaram operações tendo em vista a conquista da

EUROPA 1941/1942



-
- ÁREA SOB CONTROLE DO EIXO (1942)

 PAÍSES NEUTROS

 PAÍSES ALIADOS DO EIXO

 OFENSIVAS SOVIÉTICAS EM 1941

- OFENSIVAS ALEMÃS EM 1941

 OFENSIVAS DO EIXO EM 1941

 OFENSIVAS BRITÂNICAS EM 1941

 OFENSIVAS FINLANDESAS EM 1941

- OFENSIVAS ALEMÃS EM 1942

 OFENSIVAS DO EIXO EM 1942

 OFENSIVAS BRITÂNICAS EM 1942

 OFENSIVAS NORTE-AMERICANAS EM 1942

- RETIRADAS ALEMÃS EM 1941

 RETIRADAS DO EIXO EM 1942

 RETIRADAS BRITÂNICAS EM 1941

 OFENSIVAS ITALIANAS EM 1941

importante cidade de Stalingrado, situada às margens do rio Volga. Nesta cidade, no entanto, os alemães sofreram uma grande derrota.

Enquanto alemães e soviéticos se digladiavam na Europa Oriental, novos contendores surgiram, e a guerra tornou-se mundial. Isso ocorreu porque o Japão, em julho de 1941, com o consentimento do governo de Vichy, mas com a desaprovação dos Estados Unidos, que temiam uma expansão japonesa no Extremo Oriente, se apossou de parte da Indochina (colônia francesa). Em represália, o governo norte-americano congelou os bens nipônicos existentes nos Estados Unidos e suspendeu as exportações de petróleo para o Japão. Diante disso, os líderes japoneses consideraram que só poderiam resolver suas pendências com os norte-americanos por meio da guerra. Contribuiu também para a tomada de decisão japonesa o fato de os norte-americanos estarem apoiando materialmente a China, contra a qual o Japão estava em guerra desde a década de 1930.

Os japoneses tinham ciência de que não poderiam vencer os norte-americanos em uma longa guerra de desgaste, pois o poderio econômico do rival era muito superior. Planejaram, então, uma grande ofensiva, que tinha como meta a conquista das colônias e das bases militares que as nações ocidentais possuíam no Sudeste Asiático e no Pacífico. Tais conquistas propiciariam, calculavam os estrategistas nipônicos, a autossuficiência econômica ao Japão e a formação de um perímetro de defesa capaz de resistir às contraofensivas dos norte-americanos. Com tais ações, os japoneses esperavam forçar os estadunidenses a aceitar os termos de paz impostos pelo Japão.

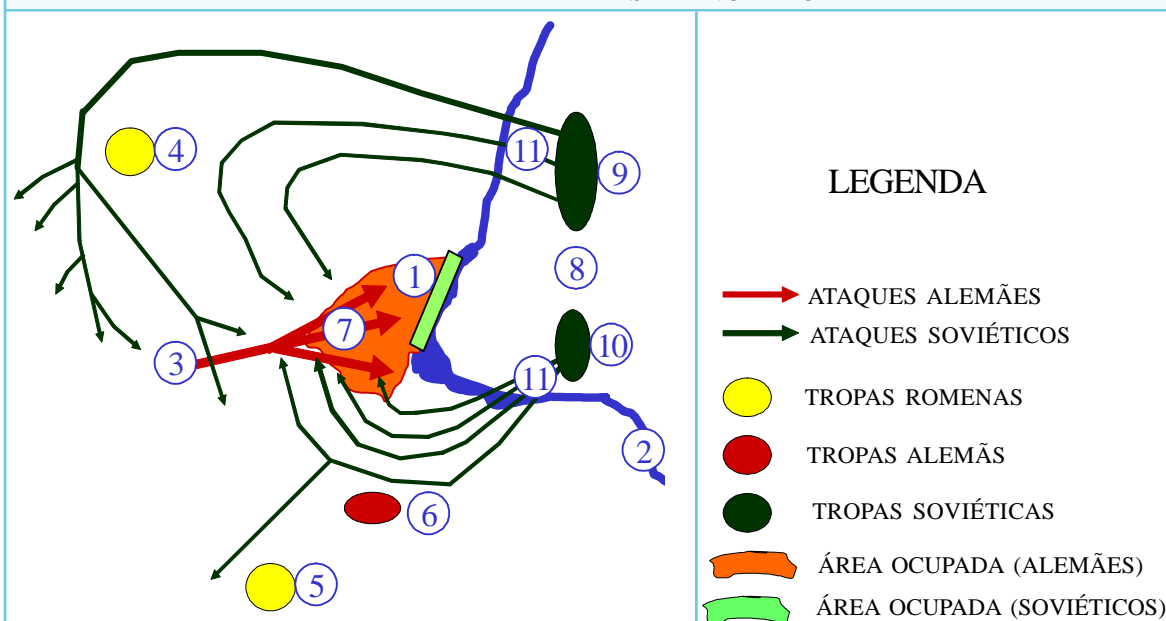
Em 07 de dezembro de 1941, sem declarar guerra, os japoneses lançaram um ataque aeronaval sobre a base naval norte-americana de Pearl Harbor, nas ilhas do Havaí, tendo como objetivo destruir a frota americana do Pacífico. Em meia hora, o ataque japonês destruiu 188 aviões, matou 2.500 marinheiros e pôs a pique muitos navios. Todavia, os resultados do bombardeio foram insatisfatórios, pois não atingiram os navios aeródromos norte-americanos Enterprise, Lexington e Saratoga, que se encontravam fora de Pearl Harbor, realizando manobras.

As potências do Eixo deram apoio ao Japão, declarando guerra aos Estados Unidos, governado por Franklin D. Roosevelt. A guerra então tinha delineado os seus principais protagonistas: de um lado os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) e do outro os Aliados (Grã-Bretanha, URSS e Estados Unidos).

Paralelamente ao ataque a Pearl Harbor, tendo superioridade no mar, ar e terra, os japoneses lançaram ofensivas vitoriosas sobre tropas britânicas, americanas e holandesas estacionadas no Sudeste Asiático e no Pacífico. Em pouco tempo, os japoneses se apossaram de Guam, Ilhas Wake, Filipinas, Hong Kong, Malásia, Bornéu, Tailândia, Birmânia, Ilhas Salomão e parte da Nova Guiné, entre outros territórios. Forças navais aliadas tentaram interceptar as frotas invasoras, sem sucesso.

Em março de 1942, os japoneses haviam alcançado seus objetivos estratégicos, estabelecendo o almejado perímetro de defesa, que era delimitado pelas Ilhas Atu e Kiska (Pacífico Norte), Ilhas Wake (Pacífico Central), Java (Pacífico Sul) e Birmânia

A BATALHA DE STALINGRADO



De 21 de agosto de 1942 a 2 de fevereiro de 1943, na cidade de Stalingrado, no sul da Rússia, tropas alemãs, reforçadas por contingentes italianos, romenos e búlgaros, comandadas pelo general Friedrich von Paulus, enfrentaram forças soviéticas, lideradas pelo general Georgy Zhukov. Durante a batalha, em Stalingrado e regiões adjacentes, os alemães e seus aliados empregaram cerca de 1.300.000 homens; os soviéticos aproximadamente 1.700.000. A cidade de Stalingrado (1) situava-se em uma posição estratégica no rio Volga (2), a cavaleiro de uma rota vital que ligava o mar Cáspio à Rússia Central. Era um importante centro industrial e tinha também um valor simbólico, pois seu nome (cidade de Stalin) era uma homenagem ao líder soviético. Tais fatores faziam com que Hitler e Stalin dessem ordens para que a cidade fosse, respectivamente, conquistada ou mantida a qualquer custo. Em agosto de 1942, o 6º e o 4º (Panzer) Exércitos Alemães iniciaram a conquista da localidade (3), passando de imediato a enfrentar feroz resistência do 62º e 63º Exércitos Soviéticos que a defendiam. O 3º (4) e o 4º Exércitos (5) Romenos e parte do 4º Exército Panzer (6) faziam a proteção dos flancos alemães. Stalin não ordenou a evacuação dos civis da cidade, esperando que em virtude disso os defensores lutassem com mais afinco. Paulus, a princípio, dispunha de volumosos recursos materiais e humanos, que foram se exaurindo à medida que o comandante alemão expandia seu controle sobre a cidade. Enquanto Paulus progredia vagarosamente em meio aos escombros da localidade (7), travando encarniçadas lutas, os russos preparavam tropas para um contra-ataque. Estas tropas foram posicionadas na margem leste do rio Volga (8), compreendendo, no perímetro norte da cidade, o 5º, 21º, 65º, 64º e 66º Exércitos (9), e no perímetro sul o 57º e 51º Exércitos (10). Em novembro, quando os alemães já controlavam aproximadamente 90% de Stalingrado, os Exércitos Soviéticos que estavam na margem leste do rio Volga atacaram e derrotaram as tropas que defendiam os flancos alemães, cercando as tropas de Paulus que estavam no interior da cidade (11). As tropas alemãs cercadas passaram a ser abastecidas por via aérea, mas de maneira insuficiente. Forças alemãs, comandadas pelo general Erich von Manstein, tentaram romper o bloqueio soviético, mas fracassaram. Sem suprimentos e esperanças de escapar do cerco, Paulus rendeu-se. Em Stalingrado, os alemães e seus aliados perderam cerca de 740.000 soldados (destes, 110.000 foram aprisionados) e os soviéticos aproximadamente 750.000 (além de 100.000 civis). A vitória soviética marcou o início da contraofensiva soviética, que só pararia em Berlim.

(Sudeste Asiático). Em seguida, para salvaguardar suas conquistas, o alto comando japonês resolveu estender ainda mais seu perímetro defensivo. Para isso, decidiu conquistar as Ilhas Aleutas, as Midway e completar a conquista da Nova Guiné.

Em maio de 1942, os japoneses atacaram Porto Moresby, na costa sul da Nova Guiné, que poderia servir de base para uma invasão à Austrália. Para atingir esse objetivo, uma força invasora japonesa confrontou-se com uma norte-americana na Batalha do Mar de Coral. Este foi o primeiro confronto da história naval em que os navios dos oponentes atacaram-se sem contato visual, com a ação totalmente conduzida por porta-aviões. As perdas materiais e humanas dos contendores foram semelhantes, mas o confronto representou uma vitória estratégica para os norte-americanos, pois os japoneses desistiram da conquista de Porto Moresby.

Apesar do fracasso na Batalha do Mar de Coral, os japoneses planejaram uma nova ofensiva, desta vez em alto-mar, para destruir a Frota Americana do Pacífico. Este ataque japonês também previa a conquista das ilhas Aleutas Ocidentais e Midway. O confronto teve início em 4 de junho de 1942, e seu resultado foi uma derrota fragorosa dos japoneses, que perderam 4 navios aeródromos e afundaram apenas 1 do inimigo.

As vitórias aliadas em Midway, em Stalingrado e em El Alamein, ocorridas na segunda metade de 1942, marcam o fim do expansionismo territorial dos países do Eixo. Doravante, os aliados ditariam o andamento das operações, colocando os inimigos na defensiva. A produção bélica aliada, muito superior à dos adversários, teria um papel decisivo nesse sentido. A partir de 1943, os Aliados lançaram uma maciça campanha de bombardeios estratégicos às cidades, parques industriais e outras instalações inimigas, o que prejudicou os esforços de guerra dos países do Eixo.

No norte da África, a derrota na 2ª Batalha de El Alamein obrigou as tropas do Eixo a realizarem um longo recuo em direção à Tunísia, ocupada pelos alemães em 1942. Apesar de perseguidas pelo 8º Exército Britânico, elas realizaram a retirada em boas condições, tendo poucas perdas. Mesmo assim, os problemas das forças do Eixo no norte da África eram muitos: não recebiam suprimentos indispensáveis da Europa, porque os Aliados controlavam boa parte do mar Mediterrâneo; tinham meios aéreos e terrestres (aviões e blindados, por exemplo) em quantidade bastante inferior; e não podiam contar com reforços substanciais de pessoal, já que os recursos alemães eram prioritariamente destinados às tropas que combatiam no leste europeu.

O golpe final para os alemães e italianos no continente africano ocorreu em 8 de novembro de 1942, quando os Aliados desencadearam uma operação anfíbia denominada Tocha (“Operation Torch”). Por meio desta, cerca de 75 mil soldados norte-americanos e britânicos desembarcaram na Argélia e no Marrocos (colônias francesas submetidas à autoridade do governo de Vichy). Os franceses que defendiam a Argélia e o Marrocos não ofereceram grande resistência e, posteriormente, chegaram a organizar tropas para combater ao lado de ingleses e americanos.

FORÇAS MORAIS

Embora, no momento do combate, o soldado lute primordialmente pela autopreservação, ele se dirige para a batalha e, se sobreviver, prossegue na guerra, movido por crenças, compromissos, pressões e muitos outros fatores.

Na Segunda Guerra Mundial as ideologias tiveram importância na motivação dos soldados, mas não de forma primordial. Muitos dos soldados soviéticos que resistiram com denodo às ofensivas alemãs não o fizeram por serem comunistas, mas sim para defenderem sua pátria, a família e a si próprios das atrocidades que resultariam da subjugação de sua nação pelos nazistas. O mesmo pode-se dizer dos soldados alemães, quando a maré da guerra inverteu-se. Estima-se que apenas 15% dos soldados alemães eram nazistas, embora grande parcela deles tivesse enorme admiração por Hitler. Isso explicaria a resistência de boa parte dos soldados alemães, que só depuseram as armas quando a Alemanha rendeu-se.

Britânicos e norte-americanos, que também combateram com tenacidade, em sua maioria não queriam participar de uma guerra, mas viram-se compelidos a fazê-lo para livrar o mundo de regimes vistos por eles como opressores (o ataque japonês a Pearl Harbor e a ocupação de grande parte da Europa pela Alemanha corroboravam essa ideia). Os soldados japoneses, que lutavam fanaticamente, preferindo a morte à rendição, estavam impregnados fortemente pelos valores do “Bushido” e pelo sentimento de lealdade a seu imperador.

Por outro lado, soldados de outros países demonstraram, de modo geral, um espírito combativo muito aquém do esperado. Os italianos, mobilizados para guerras de conquista, não se entusiasmaram por sacrificar suas vidas. A incompetência de seus comandantes, que em diversas ocasiões os deixaram em situações difíceis por falta de planejamento, contribuiu para o desânimo da tropa. Os franceses, em 1940, sucumbiram sem oferecer grande resistência, abalados pelos novos métodos de combate germânicos, que os surpreenderam.

TROPAS SOVIÉTICAS EM STALINGRADO



As tropas do Eixo posicionadas na Tunísia estavam agora comprimidas entre o 8º Exército Britânico e as recém-chegadas tropas aliadas. Rommel ainda encontrou forças para infligir uma derrota incisiva às inexperientes forças dos Estados Unidos na Batalha de Passo Kasserine, em fevereiro de 1943, mas foi incapaz de explorar o sucesso por falta de meios.

Hitler substituiu Rommel pelo general Jürgen Arnim, mas o novo comandante encontrava-se em uma posição desesperadora. Os aliados, então, uniram suas forças para dar o golpe final. No dia 14 de maio de 1943, as forças alemãs e italianas que restavam no norte da África foram aprisionadas. As perdas totais do Eixo foram estimadas em 620 mil homens, enquanto os Aliados perderam em torno de 258 mil soldados.

Vitoriosos, os Aliados fixaram como próximo objetivo colocar a Itália fora da guerra, pois tal fato ampliaria seu controle sobre o mar Mediterrâneo, por onde passavam importantes rotas. O fato de haver grande quantidade de homens e materiais disponíveis no norte da África reforçava essa linha de ação.

Em julho de 1943, tropas do XV Grupo de Exércitos Aliado (7º Exército Norte-Americano e 8º Exército Britânico) desembarcaram e conquistaram a Sicília, defendida por 10 divisões italianas e 2 alemãs, tendo relativamente poucas baixas. Isso abria caminho para a invasão da Península Itálica.

Em virtude dos fracassos militares italianos, Benito Mussolini foi deposto e preso em 25 de julho de 1943 (Mussolini acabou resgatado, mais tarde, pelos alemães e foi feito líder de um governo títere no norte da Itália). O novo governo na Itália solicitou um armistício aos Aliados em 8 de setembro de 1943. Diante da perda de seu aliado, os alemães reagiram com rapidez, ocupando a Itália e a Albânia. Na acidentada Península Italiana, os alemães estabeleceram uma série de complexas linhas defensivas, por estarem inferiorizados belicamente em relação aos aliados,

No mesmo dia em que o governo italiano solicitou o armistício, contingentes do XV Grupo de Exércitos Aliado (agora formado pelo 5º Exército Norte-Americano e 8º Exército Britânico) desembarcaram na Itália. Mesmo enfrentando feroz resistência das 18 divisões alemãs lá estacionadas, iniciaram um lento mas inexorável avanço rumo ao norte da península. Nápoles foi conquistada em 1º de outubro de 1943, juntamente com as importantes bases aéreas de Foggia, cuja posse possibilitou aos Aliados bombardearem os campos petrolíferos da Romênia, importantes para os alemães. Após essas ações, a prioridade aliada deixou de ser a Itália. Boa parte das tropas veteranas foram deslocadas para a Inglaterra, onde passaram a preparar-se para libertar a França.

As forças que permaneceram na Itália, mesmo com seu poder de combate reduzido, conseguiram, em 11 de maio de 1944, ultrapassar a Linha Gustav, principal posição defensiva alemã no sul da península, e, em 4 de junho, conquistar Roma. Os alemães recuaram em ordem, estabelecendo uma posição defensiva no norte da Itália, a Linha Gótica, onde mantiveram-se até o início de 1945, sob pressão de forças aliadas.

TROPAS

O adestramento das tropas dos diversos países que tomaram parte da Segunda Guerra Mundial não era uniforme. Até mesmo em um mesmo país, a preparação do soldado para a guerra, devido a diversas circunstâncias, poderia variar. A Alemanha, por exemplo, no início da guerra, empregou tropas com elevado treinamento, mas, no final, em face da falta de meios e tempo, utilizou contingentes com pouca instrução.

Em diversos países foram formadas unidades para realizar missões de alto risco, compostas por soldados rigorosamente selecionados e instruídos. Nas Forças Armadas da Alemanha, em 1940, durante a ofensiva sobre a França, sobressaíram-se as tropas paraquedistas, que conquistaram importantes objetivos, como a fortaleza belga de Eben Emael; mais tarde, estas mesmas tropas foram responsáveis por um audacioso assalto aeroterrestre, que resultou na conquista da ilha de Creta. As divisões blindadas alemãs (Panzer) também tiveram desempenho excepcional em muitos episódios, principalmente as que combateram sob o comando de Rommel no norte da África. As tropas alemãs consideradas de elite, entretanto, eram as SS (Shutzstaffel-tropas de proteção), compostas por soldados nazistas que lutaram fanaticamente em muitos combates, às vezes cometendo atrocidades.

Entre os contingentes norte-americanos destacaram-se os fuzileiros navais, que travaram duros combates nas ilhas do Pacífico; as tropas de montanha, empregadas na Itália; e as tropas paraquedistas, que cumpriram árduas missões na ofensiva aliada final à Alemanha. Os britânicos, por sua vez, criaram, em 1940, unidades de “comandos”, constituídas por soldados que realizam incursões em áreas sob controle do inimigo, com o intuito de executar complicadas missões, muita das quais destinadas a desmoralizar o adversário.

Na Birmânia, britânicos e americanos empregaram, respectivamente, os “Chindits” e os “Bandits of Merrill”. Tratavam-se de unidades de penetração profunda, especialmente preparadas para se infiltrarem nas linhas inimigas, a fim de desorganizar sistemas de comunicação e rotas de suprimento.

Os soldados do Japão mostraram-se bons combatentes de selva, mas, mais famosos ficaram os pilotos “kamikazes” (vento divino) que, no final da guerra, em aviões especiais, realizaram missões suicidas para causar os maiores danos possíveis às forças norte-americanas.

Finalmente, tiveram grande importância os guerrilheiros, que contribuíram bastante para a vitória aliada. Na Europa, atuando em territórios controlados pelos alemães (partes da França, Iugoslávia, Itália e Rússia), esses combatentes, entre muitas outras ações, forneciam informações relevantes aos aliados, emboscavam o inimigo e sabotavam ferrovias.

COMANDOS NO NORTE DA ÁFRICA



Na frente oriental, no início de 1943, o Exército Soviético, após vencer os alemães em Stalingrado, passou a pressionar continuamente os germânicos. Dispunha para isso de ampla superioridade em soldados (aproximadamente 7 milhões contra 3,5 milhões do inimigo) e equipamentos (muitos fornecidos pelos Estados Unidos).

Em julho de 1943, os alemães, buscando desesperadamente revidar, empreenderam um grande esforço para destruir substanciais forças soviéticas que se encontravam em um saliente, na região do Kursk. Os germânicos contavam com 2.700 carros-de-combate, 800.000 soldados e 2.000 aviões, os soviéticos com 3.600 carros-de-combate, 1.300.000 soldados e 2.400 aviões. O ataque alemão em Kursk, denominado Operação Cidadela (“Unternehmen Zitadelle”), foi desencadeado mas fracassou, redundando em grandes perdas para os germânicos.

Após a Batalha de Kursk, os soviéticos reiniciaram suas ofensivas, fazendo ceder os flancos e o centro da linha alemã. Os alemães foram obrigados a recuar por centenas de quilômetros, com perdas humanas e materiais insubstituíveis. Em seus avanços, os soviéticos retomaram cidades importantes, como Kharkov, Smolensk e Kiev.

No norte da frente oriental, em janeiro de 1944, os soviéticos levantaram o cerco alemão à Leningrado e começaram a esfacelar o flanco esquerdo germânico. Em setembro de 1944, o Exército Vermelho apossou-se da Estônia e Letônia. Nesse mesmo mês, os finlandeses, que apoiaram a invasão alemã à URSS, pressionados, renderam-se às tropas soviéticas.

No sul da frente oriental, em maio de 1944, as tropas alemãs que se encontravam na Crimeia retiraram-se para a Romênia. Logo depois, os soviéticos avançaram para a Romênia e Hungria. Os governantes romenos e húngaros, sem condições de resistir ao inimigo, solicitaram o armistício em setembro de 1944. Em consequência, os soviéticos passaram a controlar os campos petrolíferos romenos, vitais para os alemães. Também em setembro de 1944, a Bulgária mudou de lado, quando forças soviéticas cruzaram o Danúbio. Na Iugoslávia, em outubro de 1944, guerrilheiros tomaram a capital Belgrado, expulsando os alemães do país.

No centro da frente oriental, em julho de 1944, forças soviéticas destruíram as forças alemãs que defendiam a Bielo-Rússia. Em 7 de agosto, os soviéticos penetraram na Polônia, onde se detiveram a leste de Varsóvia (poucos dias antes, começara um levante nessa cidade contra a ocupação alemã; os soviéticos, no entanto, não apoiaram os poloneses, que foram derrotados, em outubro, pelos alemães).

Em dezembro de 1944, os soviéticos adentraram na Alemanha (Prússia Oriental), agravando ainda mais a situação dos alemães, que, desde junho de 1944, lutavam para deter os Aliados ocidentais, que haviam se engajado na libertação da França.

Nos anos de 1943 e 1944, Stalin, diversas vezes, solicitou aos aliados a abertura de uma nova frente de combate na Europa Ocidental, para aliviar a pressão que o grosso das tropas alemãs exercia sobre o Exército Soviético. Os aliados preparavam-

O BRASIL NA II GUERRA MUNDIAL

Quando a guerra teve início, o Brasil manteve uma atitude imparcial, seguindo acordos diplomáticos firmados com os países americanos, que estabeleciam a neutralidade continental. Com a intensificação e expansão do conflito, o Brasil, aos poucos, foi alinhando-se aos Estados Unidos, que haviam entrado na guerra contra os países do Eixo em dezembro de 1941, após o ataque japonês à base de Pearl Harbor.

A partir do ano de 1942, diversos navios mercantes brasileiros foram afundados por submarinos alemães, que tentavam sufocar a economia aliada. Em resposta, o Brasil declarou guerra aos países do Eixo e passou a contribuir para o esforço de guerra Aliado com ações políticas, econômicas e militares.

Na campo militar, a Marinha do Brasil passou a escoltar comboios de navios mercantes que se dirigiam para os Estados Unidos e patrulhou a costa brasileira. O governo brasileiro também organizou uma divisão de infantaria (Força Expedicionária Brasileira - FEB) e um grupo de aviação de caça para o Teatro de Operações da Itália.

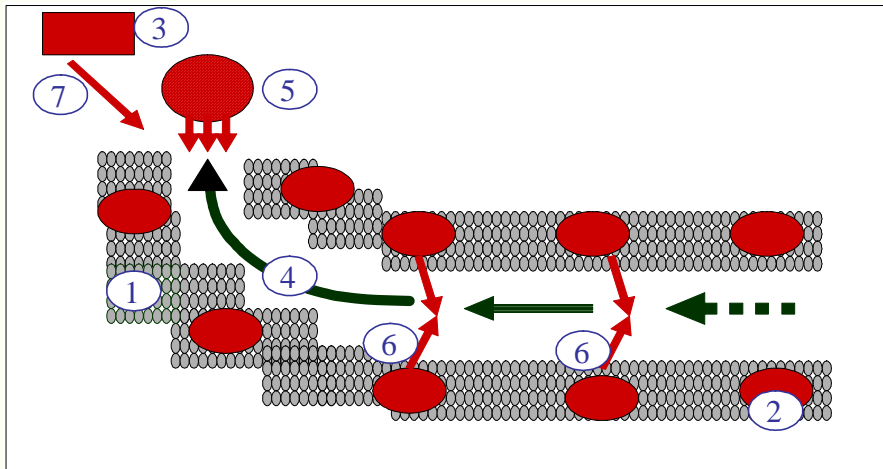
O grupo de caça brasileiro chegou a realizar 45% das missões aliadas na Itália, sendo reconhecido pelo Comando Aliado como altamente eficaz. Já a Força Expedicionária Brasileira, comandada pelo General João Baptista Mascarenhas de Moraes, com um efetivo de aproximadamente 25 mil homens, foi incorporada ao 5º Exército Norte-Americano, que buscava romper a Linha Gótica, posição defensiva estabelecida pelos alemães no norte da Itália.

Nos anos de 1944 e 45, as tropas brasileiras realizaram campanhas vitoriosas, nos vales dos Rios Sercchio, Reno, Panaro e Pó, vencendo combates em Monte Castelo, Montese, Castelnuovo, Colecchio e Fornovo. Para coroar sua participação, a FEB capturou a 148ª Divisão de Infantaria Alemã, fazendo mais de 17 mil prisioneiros.

PATRULHA BRASILEIRA NA LINHA DE FRENTE



PROCESSOS DE COMBATE SOVIÉTICOS



Após sofrerem grandes reveses no início da Operação Barba Roxa, os soviéticos desenvolveram um processo de combate para conter a “blitzkrieg”, obtendo bons resultados.

Basicamente, os russos estabeleceram sistemas defensivos profundos, fortemente minados (1), constituídos de pontos fortes (2), capazes de lançar fogos em todas as direções e de se apoiarem mutuamente. Tropas, inclusive blindadas (3), ficavam normalmente à retaguarda, em condições de realizar contra-ataques.

Quando o inimigo atacava, os russos procuravam, por meio dos campos minados e outros obstáculos (naturais ou artificiais), canalizar as colunas blindadas adversárias (4) para pontos fortes fartamente munidos de armas anticarro (5). Ao mesmo tempo, lançavam ataques (6) para separar os blindados que estavam na vanguarda das demais forças que vinham à retaguarda. Uma vez separadas de suas unidades de apoio, as unidades blindadas alemãs ficavam perigosamente expostas, às vezes sem suprimentos, aos ataques da artilharia, dos carros-de-combate (7) e de “caçadores” de carros-de-combate da URSS.

TROPAS SOVIÉTICAS



se nesse sentido, planejando detalhadamente uma operação anfíbia denominada Overlord, que, da Inglaterra, seria lançada para libertar a França, através de um desembarque na Normandia. Para tal tarefa, os Aliados dispunham de 37 divisões bem equipadas e adestradas.

Para manter a França, os alemães contavam com 60 divisões, muitas delas com reduzido poder de combate. Além disso, esperavam valer-se de um sistema de defesas conhecido como “Muralha do Atlântico”, construído no litoral norte da Europa.

Preliminarmente ao ataque principal, os aliados lançaram diversas operações. Entre essas, ações diversionárias foram realizadas para dar a entender aos alemães que a invasão seria realizada pela parte mais estreita do Canal da Mancha (Estreito de Calais), e a aviação aliada bombardeou o norte da França, com o intuito de romper as comunicações por vias férreas e rodoviárias, de modo a evitar que reforços alemães alcançassem o litoral francês.

A ofensiva na Normandia, propriamente dita, iniciou-se em 6 de junho de 1944 (Dia “D”), com um intenso bombardeio aéreo e naval às posições costeiras alemãs. Paraquedistas aliados foram lançados à retaguarda das defesas inimigas para desestabilizá-las. A Força Aérea Aliada obteve ampla supremacia, fator vital para o sucesso da operação. Em seguida, tropas do XXI Grupo de Exércitos Aliado (1º Exército Norte-Americano e 2º Exército Britânico) desembarcaram nas praias da Normandia, que receberam os codinomes Gold, Juno, Sword, Omaha e Utah. Embora a resistência alemã fosse tenaz, os aliados conseguiram consolidar posições no litoral. Ataques aéreos aliados impediram que reforços alemães substanciais apoiassem os defensores, o que permitiu, nas semanas seguintes, aos Aliados avançar para o interior do continente.

A resistência alemã continuou determinada no interior da França, mas não resistiu aos aliados, que passaram a contar com o apoio do 7º Exército Norte-Americano desembarcado no sul da França em 15 de agosto, na Operação Dragão (“Operation Dragoon”). O avanço aliado prosseguiu em direção a Paris, que foi libertada em 25 de agosto de 1944. Os alemães só conseguiram reagrupar-se eficazmente na linha defensiva Siegfried, na fronteira da Alemanha com a França, onde passaram a ser pressionados por três Grupos de Exércitos Aliados: o XXI (agora formado pelo 1º Exército Canadense e 2º Exército Britânico), o XII (1º, 3º e 9º Exércitos Norte-Americanos), e VI (1º Exército Francês e 7º Norte-Americano).

Tendo em vista abreviar o desfecho da guerra, os aliados, após penetrarem na Bélgica, lançaram um assalto aeroterrestre com 3 divisões de paraquedistas na Holanda (“Operation Market Garden”). O Objetivo era capturar as principais pontes do Reno, o que permitiria aos aliados estabelecer rotas diretas para o interior da Alemanha. O ataque, porém, fracassou e os aliados tiveram grandes perdas.

Hitler ainda dispunha de 65 divisões, mas poucas estavam devidamente equipadas, e muitas eram compostas por militares fora da idade de servir (velhos ou

jovens demais para combater eficazmente). A derrota alemã parecia inevitável, mas o líder alemão decidiu surpreender os aliados lançando uma última contraofensiva, que seria executada nas Ardenas, tendo em vista dividir os aliados e conquistar Antuérpia, por onde chegavam os suprimentos do inimigo.

Para esse ataque, Hitler reuniu 24 divisões (10 blindadas). A “Batalha do Bolsão”, como foi chamado o ataque alemão, foi desencadeado em 16 de dezembro de 1944 contra o 5º Corpo de Exército Norte-Americano. Inicialmente os alemães obtiveram sucesso, derrotando as forças norte-americanas que não esperavam uma contraofensiva em pleno inverno, em uma região de matas cerradas. Após o ímpeto inicial, uma escassez aguda de combustível prejudicou as ações das forças alemãs, que foram detidas e contra-atacadas.

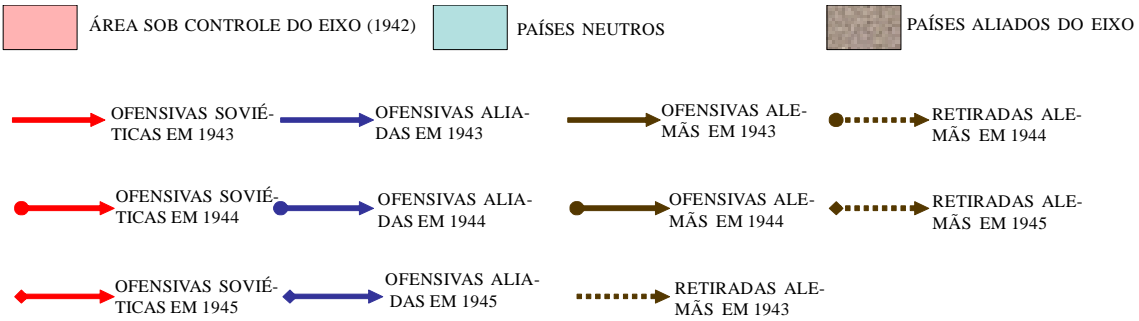
No Pacífico, incentivados pela vitória em Midway, os norte-americanos iniciaram uma contraofensiva aos japoneses, conquistando, em novembro de 1942, a importante base naval de Guadalcanal. Depois, forças dos Estados Unidos iniciaram ataques contra os japoneses nas Ilhas Salomão e Nova Guiné, que se prolongaram até o final da guerra.

Os ataques às Ilhas Salomão e a Nova Guiné, na verdade, eram diversionários, pois o plano principal dos Estados Unidos previa como objetivos a destruição da Marinha Japonesa e a abertura de uma rota que levasse os norte-americanos diretamente ao Japão (seriam conquistados somente os territórios indispensáveis para tal propósito, as demais áreas ocupadas pelos japoneses seriam isoladas). Para isso, os norte-americanos dividiram suas forças em dois grandes Comandos de Área: o do Pacífico Central e o do Sudeste do Pacífico, comandados, respectivamente, pelo almirante Chester William Nimitz e pelo general Douglas MacArthur.

Seguindo o plano traçado, as forças do Comando do Pacífico Central conquistaram, em novembro de 1943, Makin e Tarawa. Em resposta, a esquadra japonesa avançou para enfrentar as forças de Nimitz e o embate deu-se em junho de 1944, em torno das ilhas Marianas. Os japoneses sofreram mais uma grande derrota naval (perderam 3 navios aeródromos e 600 aviões), o que possibilitou aos norte-americanos capturar as ilhas Marianas, de onde aeronaves poderiam bombardear diretamente o Japão. Em setembro de 1944, as forças de Nimitz ocuparam Saipan, Guam, Yap e Palau.

Paralelamente, os contingentes do Comando do Sudeste do Pacífico também obtiveram êxitos, entre os quais destaca-se a conquista das Filipinas, onde ocorreu a Batalha Naval do Golfo de Leyte, entre 23 e 25 de outubro de 1944. Dela resultou mais uma vitória dos norte-americanos e a destruição quase completa do poder de combate da Marinha Japonesa. No confronto, os japoneses perderam 4 navios aeródromos, 3 couraçados, 22 outros navios, cerca de 500 aviões e 10.500 marinheiros e aeronautas; os norte-americanos, 3 pequenos navios-aeródromos, 3 destróieres, 200 aviões e 3.800 marinheiros e aeronautas.

EUROPA 1943/1944/1945

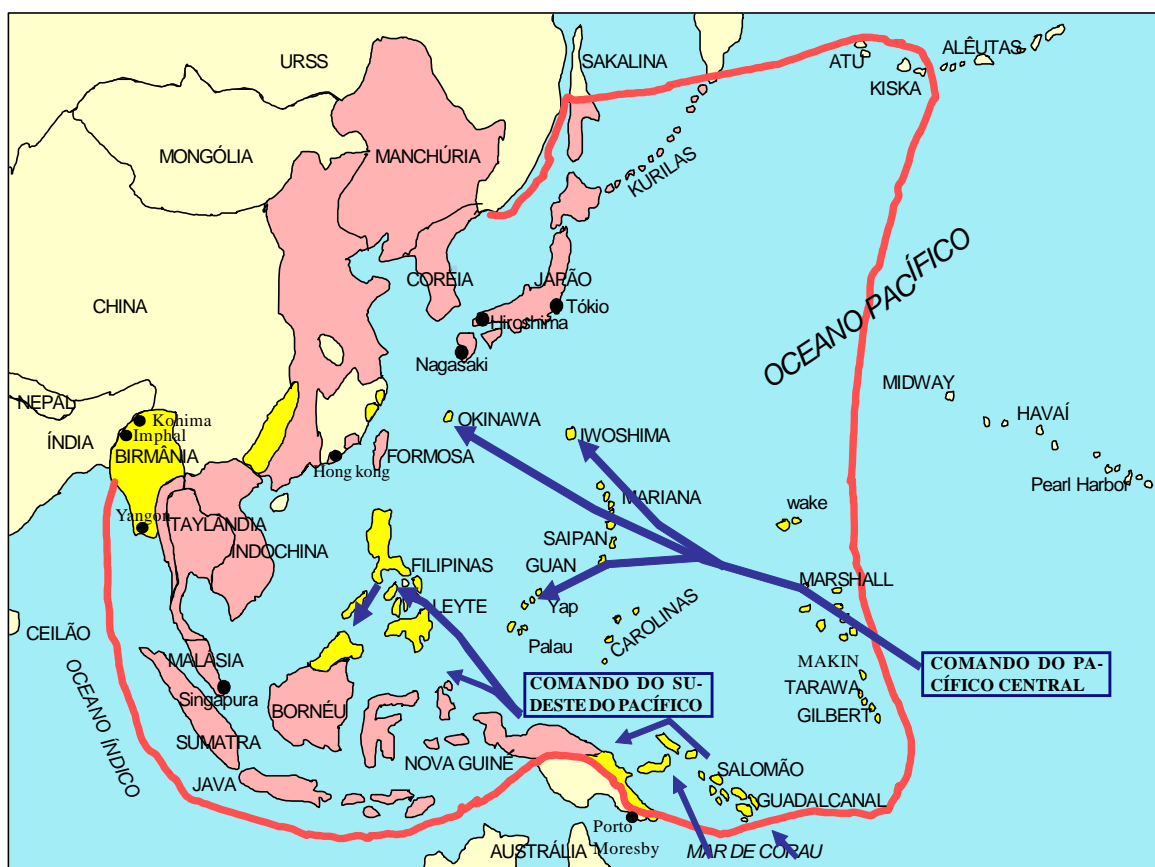


Enquanto ocorria a ofensiva norte-americana no Pacífico, os japoneses que ocupavam a Birmânia, em março de 1944, resolveram invadir a Índia. Atacaram as cidades de Kohima e Imphal, mas foram rechaçados. Em novembro de 1944, os britânicos contra-atacaram, avançando em direção a Yangon (capital da Birmânia).

Quando o ano de 1945 teve início, a Alemanha e o Japão estavam em situação desesperadora. Na Itália, os Aliados lançaram a Ofensiva da Primavera, graças à qual romperam a Linha Gótica e adentraram no Vale do Pó, em perseguição às forças alemãs, que se renderam em 2 de maio de 1945. Mussolini, capturado por guerrilheiros italianos, foi executado.

No oeste europeu, após derrotar os alemães na Batalha do Bolsão, os aliados cruzaram o rio Reno e ocuparam a região do Ruhr (principal centro industrial da Alemanha).

A GUERRA NO PACÍFICO E NO SUDESTE ASIÁTICO



- TERRITÓRIOS OCUPADOS PELO JAPÃO
- TERRITÓRIOS CONQUISTADOS PELOS EUA E ALIADOS
- MÁXIMA EXPANSÃO DO PERÍMETRO DE DEFESA JAPONÊS
- OFENSIVAS NORTE-AMERICANAS

No leste europeu, os soviéticos, com imensa superioridade de meios, fizeram ruir as posições defensivas inimigas. Cruzaram o rio Oder, em 31 de janeiro, e a fronteira austríaca, em 15 de abril de 1945. Berlim foi cercada pelo Exército Soviético em 25 de abril. Nessa mesma data, norte-americanos e soviéticos encontraram-se em Torgau, no Rio Elba.

A batalha por Berlim foi sangrenta, mas, pouco a pouco, o Exército Soviético foi conquistando a capital alemã. Adolf Hitler cometeu suicídio em 30 de abril, quando tropas soviéticas aproximavam-se da Chancelaria Alemã, onde ele se encontrava. Em 8 de maio de 1945, as forças alemãs que ainda lutavam aceitaram os termos da rendição incondicional imposta pelos Aliados. Com a rendição alemã, a guerra acabava na Europa, mas ainda prosseguia no Sudeste Asiático e no Pacífico.

Na Birmânia, os britânicos conquistaram Yangon em maio de 1945, obrigando os japoneses a render-se. No Pacífico, os norte-americanos conquistaram, por meio de dois grandes ataques anfíbios, em março de 1945, as ilhas de Iwo Jima, e, em agosto, Okinawa. Iwo Jima e Okinawa, próximas ao Japão, serviram como importantes bases para os bombardeiros norte-americanos.

Para finalizar a guerra, no entanto, os americanos teriam de forçar a rendição dos japoneses. A expectativa de baixas norte-americanas em uma invasão ao Japão eram grandes, pois os combates em Iwo Jima e Okinawa, devido à feroz resistência inimiga, foram muito custosos em termos de soldados mortos (aproximadamente 7 mil homens em Iwo Jima e 16 mil em Okinawa). Em virtude disso, o presidente norte-americano, Harry S. Truman, que substituíra Roosevelt, falecido em 12 de abril de 1945, decidiu empregar a recém-desenvolvida bomba atômica, para abreviar o conflito.

Em 6 de agosto de 1945, uma bomba atômica foi lançada sobre Hiroshima, matando, na hora, cerca de 80 mil pessoas. Outra foi lançada em Nagasáki, em 9 de agosto de 1945, ceifando 40 mil vidas. Paralelamente, a URSS declarou guerra ao Japão e invadiu a Manchúria. Diante dos ataques devastadores e da declaração de guerra soviética, o Imperador Japonês anunciou a rendição de seu país, o que aconteceu em 2 de setembro de 1945, pondo fim à Segunda Guerra Mundial.

O segundo conflito mundial caracterizou-se por ter um caráter total, ou seja, os principais países envolvidos empregaram todos os meios a seu alcance para derrotar os oponentes (o emprego das bombas atômicas exemplifica o grau de violência a que chegou a guerra). Combates sangrentos aconteceram no mar, no ar e em terra; em desertos, selvas, planícies, montanhas, cidades e ilhas; em temperaturas por vezes escaldantes ou enregelantes. Operações combinadas, aeroterrestres e anfíbias foram largamente empregadas. Cerca de sessenta milhões de pessoas morreram em consequência dos combates ou devido a perseguições, trabalho escravo, execuções, fome e doenças.

Os países derrotados perderam territórios e dois deles, a Alemanha e o Japão, passaram a ser governados pelos Aliados. A Europa, enfraquecida pela guerra, deixou de ser o centro das decisões, substituída pelos Estados Unidos e pela URSS.